Kyvaverá

Ivens Cuiabano Scaff

entrelinhas

Dedico

Ao meu pai Hid Alfredo
Minha mãe Lucina
Minha tia Geni
Meus irmãos Ivo, Yvonne e Ivelin
Que ensinaram ao caçula o amor a Cuiabá
Tão natural neles

A todas as pessoas
A quem a simples menção do nome
Cuiabá
Evoca vibrações felizes
Em seus corações

I(Y)vens Verá em Kyvaverá

Se fosse verdade, diria que, como Fernando Pessoa, I(Y)vens Scaff é um fingidor. Entretanto, o poeta de Kyvaverá é mais, muito mais; afirmo que é um mágico-músico do cotidiano. E não penso que é apenas de Cuiabá (cujo amor escorre das palavras que esculpe). Trata-se de um poeta criador de um universo maior. Rios que correm na vida lenta que se inventa, que se inventa na manga fruta, que se traduz no domingo do bairro do Porto. Assim é mágico! Mas o músico surge na construção ritmada e memorial, como em "Aula de catecismo" ou no "Tom" e em "A la Vinícius". O poeta fingidor dá espaço para um poeta mago-músico que suspira, com a boca úmida, uma imensidão de silêncios e os devolve falando de coisas encantadas do seu universo (que também é democrático). O seu poema é também o desenho-sonho, um poema-menino que não quer crescer. Crescer é pra médico que você já é, e o sonho menino é para o poeta que você sempre *será*: em busca.

Entre o mágico mora o sonho, e no menino apetece o músico de I(Y)VENS

Verá!

Em noite quente de setembro, aos setenta anos

Marília Beatriz de Figueiredo Leite

Mestre em Comunicação e Semiótica – PUC/SP

e professora-adjunta da UFMT

Sobre este livro

Um dia, revendo meus rabiscos em papéis de todo tipo, últimas páginas de cadernos, receituários, programas de congressos médicos e até guardanapos de bar, resolvi 'salvar' tudo em meio digital.

Assim, me vi com mais de quinhentas poesias, umas longas, outras curtas, *haikais*, simples versos, que foram nascendo espontaneamente ao longo do tempo, por mais de 40 anos.

Tentei separar as poesias por temas, e assim cheguei a quatro grupos: os *haikais* para a Lua ganharam o título de *Haluares*, as poesias que se referiam a Cuiabá formaram o *Kyvaverá*, os versos que nasceram da convivência com a natureza foram chamados de *Seca e verde* – as nossas estações –, e, por fim, às poesias intimistas chamei de *O amor são asas de... Ícaro*.

Este livro reúne todo o *Kyvaverá* e os versos do *Seca e verde* que falam mais particularmente de Cuiabá. Em sintonia, obras de arte de Jonas Barros.

Gostaria que estes versos fossem lidos da maneira como foram feitos, preitos de amor e devoção à nossa cidade, de um menino-verseiro do Porto.

Ivens Cuiabano Scaff

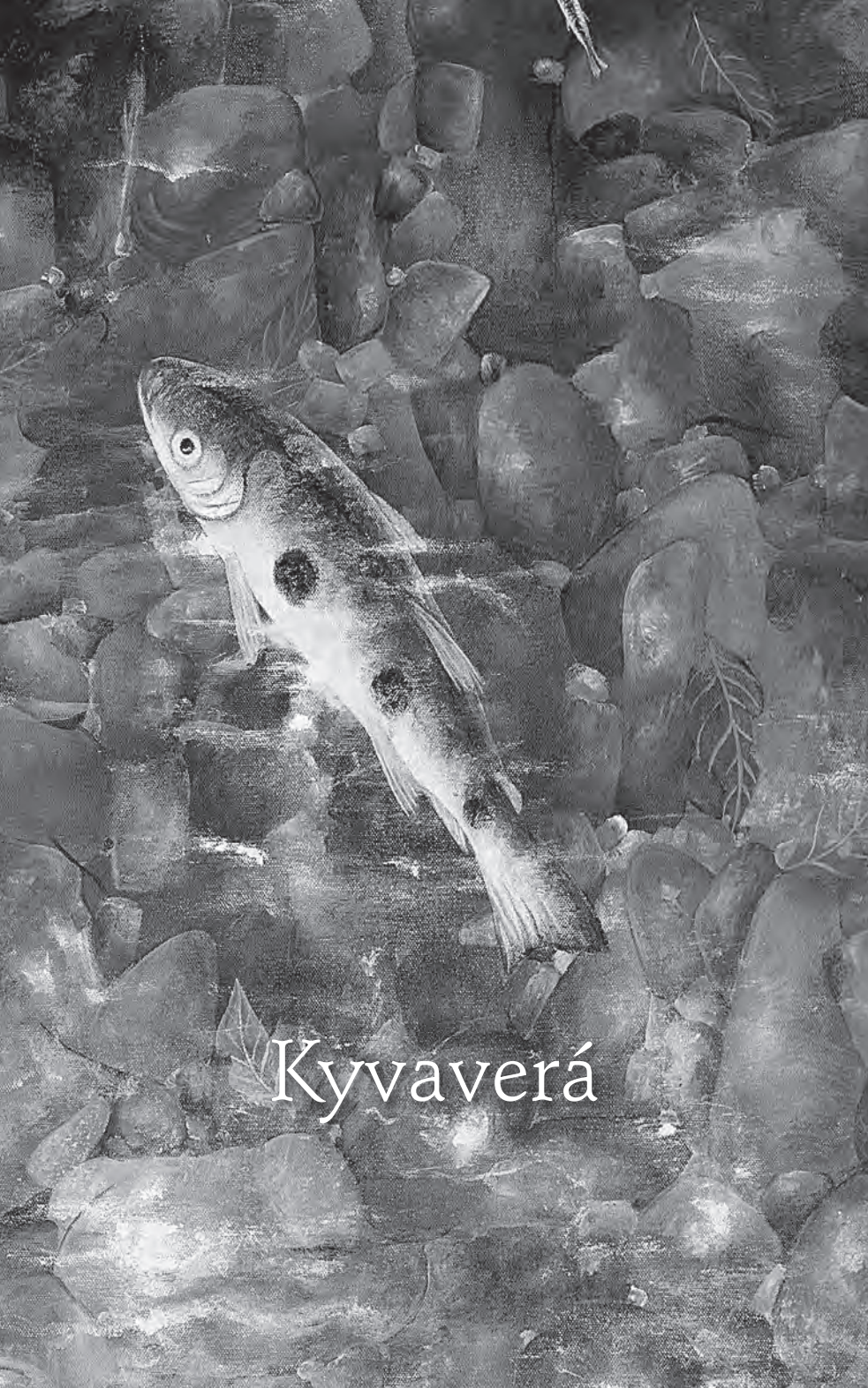
Em Cuiabá, abril de 2011

Kyvaverá 15

Os meses 117

Arredores 135

Árvres 147



Kyvaverá

O Peixe Solitário – detalhe
[acrílica sobre tela, 100 x 80 cm, 1998]
Acervo de R. D. Oliveira

ABC de Cuiabá

Com a letra C de Cuiabá
escrevo também
chapada, corixo e coxipó

Pego o U das Usinas
dos nossos avós usineiros
das Ubás
de nossos bisavós canoeiros

E convido a Uiara para uma festança

O I, uso duas vezes no piqui
três vezes no siminina
que se ouve só aqui

Com o B de todos os bairros
do bosque, barcelos, baú
escrevo baías, bem-vindo e bem-querer

O primeiro A é de antiga
O segundo é simplesmente o começo
da simples palavra Amor

Kyvaverá

Disque
Num tempo tão antigo
que certeza ninguém dá
Existia um rio lindo
chamado Kyvaverá

Tinha estirão e tinha curva
barranco, praia, rebojo
poço, baía e baixio
sarãs, figueira, aromita
Era muito bonito esse rio

Tinha jacaré sonolento
tinha jaú modorrento
e peixe de *tudo* tipo que há
Que tesouro!
Peixe de escama e de couro
tinha dourado e barbado
pacu, pacupeva e sauá

Pintado-cachara
pintado-surubim
pintado-cambuçu
Além do sonso lobó
rubafo e piavuçu
o nosso velho pintado
chamado pintado só

A piava e a piraputanga
são primas-irmãs entre si
E *disque*
parentes distantes
da jiripoca, palmito e mandi
Quem sabe também do acari

Os meninos do rio:
lambari, piquira, saicanga
bagre, chun-chun, cará
piranhas, riscadinho, piava
traíra, curimbatá

Ah! e afinal
representando a família dos bagres
o *botoado*
que também é chamado armal

Kyvaverá é um nome índio
Branco não sabia pronunciar

Disque... naquele tempo
as lontras nadavam na corrente
mergulhavam, surgiam adiante
Os raios de sol refletiam
Tornavam as lontras cintilantes

Os olhos dos índios brilhavam
seguindo as lontras arfantes
Diziam Kyvaverá